

Educação musical e paralisia cerebral: Rompendo paradigmas para a inclusão de um aluno com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda em uma escola livre de música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Mara Síntique Del Guerra Valério

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC) marasintique@hotmail.com

Regina Finck Schambeck

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC) regina.finck@udesc.br

Resumo. O presente trabalho é resultado da pesquisa de mestrado realizada entre 2018 a 2020 em escola livre do ensino de música com reflexões e discussões sobre os processos de ensino e aprendizado do piano para aluno com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda. Utilizou-se como aporte teórico a prática reflexiva e pesquisa-ação como método. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, gravações e vídeos das aulas. Neste artigo pretende-se apresentar a temática e discuti-la à luz da literatura, no intuito de abrir novas perspectivas de trabalho no âmbito da educação musical para pessoas com PCHEE.

Palavras-chave. Escola livre de música. Ensino do piano. Paralisia cerebral.

Title. Music Education and Cerebral Palsy: Breaking Paradigms for the Inclusion of a Student with Spastic Left Hemiplegic Cerebral Palsy in a Free Music School.

Abstract. This work is the result of a master's research carried out between 2018 and 2020 in a free music school with reflections and discussions on the teaching and learning processes of the piano for students with left spastic hemiplegic cerebral palsy. It was used as theoretical support the reflective practice and action research as a method. Data were collected through interviews, recordings and videos of the classes. This article intends to present the theme and discuss it in the light of literature with a view to opening new work perspectives in the field of music education for people with LSHCP.

Keywords. Free music school. Teaching the piano. Cerebral palsy.

1. Introdução

Os processos de ensino e aprendizagem musical para pessoas com paralisia cerebral foram pouco explorados na literatura causando uma lacuna nas publicações sobre a temática. Portanto, notou-se que pesquisar sobre o tema poderia abrir novas perspectivas para a educação musical no âmbito inclusivo, oportunizando que as pessoas com PC possam frequentar as aulas de música.

O presente trabalho é um recorte da pesquisa¹ de mestrado realizada entre 2018 e 2020, em escola livre de música. Na pesquisa utilizou-se aporte teórico da prática reflexiva, a partir da abordagem qualitativa de pesquisa e método da pesquisa-ação. O trabalho discorreu sobre a ação pedagógica da professora em relação as estratégias e abordagens nos processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral hemiplégica espástica

esquerda (PCHEE). Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semi estruturadas com o aluno, a mãe, dois colegas e o diretor da escola de música, gravações e vídeos das aulas realizados durante o segundo semestre de 2019. Para o propósito deste artigo, será abordado a entrevista realizada com a mãe do aluno, dialogando com a literatura que versa sobre ensino do piano e paralisia cerebral.

Para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida com profundidade, foi feito um levantamento bibliográfico averiguando publicações sobre paralisia cerebral e ensino do piano. As publicações encontradas são direcionadas em sua maioria, à reabilitação das pessoas com PC por meio da música ou da musicalização. Assim, procurou-se levantar publicações referentes à temática, tais como: educação musical, educação musical inclusiva, PC, ensino do piano e adaptação de partituras. A literatura encontrada, pôde permitir compreender as transformações e ações necessárias da prática pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com PC.

2. Contexto e participante da pesquisa

A pesquisa foi realizada em escola livre do ensino de música na cidade de Bauru (SP) em que foi constatado na ocasião a atuação de 11 profissionais e 200 alunos que frequentavam a instituição, dentre eles, 5% eram alunos com deficiência. Notou-se que a escola possuía estrutura adequada para receber os alunos com deficiência por possuir rampa de acesso, salas térreas e apoio da direção para o ingresso de novos alunos. Dos 11 profissionais atuantes, 3 lecionavam para alunos com deficiência, tais como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down/T21 (SD/T21), Deficiência Intelectual (DI) e Paralisia Cerebral (PC). A escola oferecia na ocasião, aulas individuais e em grupo dos cursos de teclas, sopro, canto, cordas, bateria, prática em banda e camerata, estimulando a socialização e interação dos alunos. Observou-se que os alunos com deficiência frequentavam as aulas individuais e em grupo, dentre eles, Pedro², com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda (PCHEE).

Pedro ingressou nas aulas de música em 2012 (6 anos) por incentivo da família, principalmente da mãe que o acompanhava e o motivava a frequentar as aulas. Segundo relato dos familiares, Pedro foi diagnosticado com PCHEE devido a complicações na gravidez e nos primeiros anos de vida, o aluno não andava e tinha os movimentos comprometidos, principalmente do lado esquerdo. Portanto, a família buscou tratamento de reabilitação na

Instituição Sorri (Bauru) ³e procurou manter o ambiente familiar estimulador e prazeroso para que Pedro pudesse se desenvolver nos aspectos motores nas atividades cotidianas.

O contato com a música começou quando Pedro conseguiu balbuciar as primeiras palavras em que assistia vídeos musicais na internet e acompanhava-os cantando. A mãe percebendo o interesse e a interação com a música, procurou matriculá-lo em uma escola de música. Como relatado anteriormente, Pedro ingressou na escola de música aos 6 anos de idade, em princípio frequentando as aulas individuais de piano e posteriormente, com o progresso no instrumento, passou a frequentar as aulas da banda e da camerata. O aluno sempre se mostrou disposto a realizar as atividades propostas pela professora, com humor e carisma, o que facilitou os processos de ensino e aprendizagem do piano. Pedro também participou das apresentações promovidas pela escola interagindo com os demais alunos, motivando-o a permanecer na escola de música.

A escolha do aluno para a pesquisa foi devido ao fato do Pedro e a família se mostrarem dispostos a participarem, por terem confiança na escola de música devido ao trabalho em parceria entre instituição, professora, aluno e familiares. Notou-se com desenvolvimento da pesquisa, que a necessidade de um novo olhar para aqueles que desejam aprender o instrumento piano em outra perspectiva, pode abrir espaço para uma investigação no campo da educação musical na ótica da inclusão, oportunizando que as pessoas com PC possam frequentar as aulas de piano.

3. Caminhos metodológicos da pesquisa

Por ser uma pesquisa que procurou compreender os processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com PCHEE, considerou-se adequado a metodologia qualitativa. Flick (2009) aponta que a pesquisa qualitativa busca entender e descrever fenômenos sociais em seus diversos contextos, buscando analisar a experiência dos indivíduos ou dos grupos. Pela perspectiva da pesquisa qualitativa em educação, Bogdan e Biklen (1994) afirmam que podem tornar-se objetos de estudo experiência das pessoas, bem como, materiais que possam contribuir para aumentar o conhecimento tanto em contexto escolar como exteriores à escola, tornando-se objetos de estudo. Neste sentido, nota-se que a pesquisa qualitativa pôde ser apropriada no entendimento do ensino do piano em contexto de inclusão.

O método da pesquisa-ação foi considerado adequado para o desenvolvimento da pesquisa que buscou refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com PCHEE mediante a ação pedagógica da professora por meio dos materiais adaptados

para o contexto. Lankshear e Knobel (2008) associam a pesquisa-ação com a prática pedagógica discorrendo que o professor pesquisador poderá ter mais autonomia nos caminhos metodológicos em sala de aula. Os autores afirmam ainda, que o professor que pesquisa a própria prática, poderá romper paradigmas educacionais em que a ênfase é no processo de aprendizagem e não no produto final. Na mesma perspectiva, Bresler (2006) discorre sobre a prática pedagógica em que o professor ocupa o papel central nos processos de ensino e aprendizagem podendo ser responsável por transformar os cenários educativos em que estão atuando. Dessa maneira, a pesquisa-ação pôde trazer melhor compreensão nos processos de ensino e aprendizagem do piano por meio da ação pedagógica em trazer novas abordagens e perspectivas para um público que se encontrava afastado dessa prática instrumental. Ressalta-se que a pesquisa foi aprovada junto ao Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC).

3.1 Procedimentos da coleta de dados da pesquisa

Como técnicas de coletas de dados foram utilizadas entrevistas semi estruturadas e reflexões das aulas por meio da utilização de vídeos e gravações das aulas realizadas no segundo semestre de 2019. Foram entrevistadas pessoas próximas ao aluno, sendo elas: a mãe do aluno, Pedro, o diretor da escola de música, e dois colegas que frequentavam o ambiente escolar musical e executaram peças com o aluno nos contextos das aulas da banda e da camerata. As entrevistas ampliaram as informações que associadas às averiguações coletadas com os vídeos e gravações das aulas, enriqueceram as análises. Optou-se por filmar as aulas individuais de piano do aluno e as aulas da banda e da camerata no segundo semestre de 2019, como apontado por Creswell (2014) que o pesquisador que se utiliza da abordagem qualitativa deve escolher um local, assumir o papel de investigador, registrando todos os aspectos do ambiente com cordialidade com o contexto investigado. Considerando a perspectiva de Creswell (2014) a recolha do material pôde contribuir para a reflexão da ação pedagógica da professora de piano em adaptar as partituras para os processos de ensino e aprendizagem para aluno com PCHEE compreendendo esse saber de maneira mais profunda nas transformações necessárias para as práticas de se ensinar e aprender em contexto inclusivo.

4. Revisão de literatura: ensino do piano e paralisia cerebral

Nos processos de ensino e aprendizagem do piano, nota-se que há uma busca constante pela alta performance ao executar peças de compositores como Bach, Mozart,

Beethoven, Chopin, entre outros. Sendo assim, muitos alunos foram afastados desta prática instrumental, dentre eles os alunos com deficiência e mais especificamente, alunos com PCHEE.

Diante da escassez de publicações referentes ao ensino do piano e paralisia cerebral, foram realizadas buscas nos sites IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), Periódicos da Capes, no Google Acadêmico e Scielo com variáveis de palavras-chave. Pesquisou-se primeiramente as palavras-chave: *paralisa cerebral e música; paralisia cerebral e musicalização; materiais adaptados para o ensino do piano, ensino e aprendizagem do piano para pessoas com paralisia cerebral*, mas não foram encontradas publicações semelhantes ao ensino do piano e paralisia cerebral. Dessa maneira, buscou-se com as palavras-chave: *educação musical e paralisia cerebral, paralisia cerebral e ensino* e foram encontradas algumas publicações semelhantes a temática da pesquisa. Em busca de ampliar a gama de publicações referentes ao contexto apresentado também foi feito levantamento das revistas da International Society for Music Education no período de 2010 a 2018, em um total de 24 volumes. As palavras-chave que nortearam a busca internacional foram: *paralysys, disability e performance*. Também foi buscado na bibliografia sobre a educação musical para pessoas com deficiência. Para melhor compreensão, será dividido em subitens com ênfases nas publicações relativas ao ensino do piano e paralisia cerebral fazendo um diálogo com as falas da mãe de Pedro (de agora em diante MP).

4.1 Comprendendo a paralisia cerebral

Para melhor entendimento sobre a PC, foi feito um levantamento das publicações da área da saúde buscando entender os sintomas e as implicações na rotina das pessoas que são afetadas pela PC. Rosembaum et al. (2007) descrevem a PC como um grupo de distúrbios no cérebro fetal ou infantil causando limitações de atividades e desordens permanentes do desenvolvimento do movimento e da postura. Os distúrbios cerebrais motores podem ser acompanhados da sensação, cognição, percepção, comportamento, por lesões muscoesqueléticas ou epilepsia. Na mesma perspectiva, Dini e David (2009) discorrem a PC como limitações dos movimentos dos membros do corpo e apontam ainda, que crianças com PC podem apresentar variados distúrbios como a perda sensorial, a espasticidade e fraqueza muscular. Portanto, os distúrbios neuromuscosqueléticos podem afetar a posição em pé ereta resultando consequentemente na falta de equilíbrio prejudicando na realização das tarefas cotidianas como por exemplo, a habilidade de andar. Sob esta ótica, a MP relata as

dificuldades motoras em relação ao movimento do braço e ao equilíbrio corporal quando Pedro ingressou nas aulas de música:

MP: Quando ele veio para cá (escola de música), ele nem tinha movimento, no braço, no ombro, ele tombava no banco do piano, ele não conseguia por o braço no piano (refere-se sustentar o braço esquerdo sob o piano), ele ficava todo torto no banquinho (excerto de entrevista 11/10/19).

Nota-se pela fala da mãe as dificuldades motoras em relação ao equilíbrio e sustentação no braço esquerdo sobre o instrumento como desafio inicial para os processos de ensino e aprendizagem do piano. Neste sentido, Shields et al (2007) relatam que a PC pode estar associada as dificuldades como caminhar e se vestir, podendo criar objeções em atividades funcionais diárias. Morris (2007) aponta que a PC apresenta variados sintomas e maneiras, sendo assim, classificá-las em diferentes grupos tem sido tema de estudo durante anos. Morris (2007) discorre sobre os diversos indícios sobre a PC:

No entanto, o que exatamente o termo "paralisia cerebral" descreve tem sido debatida por mais de 150 anos e discussões sobre como as diferentes manifestações da PC podem ser melhores classificados, continuam até os dias atuais (MORRIS, 2007, p. 3 - tradução nossa)⁴.

Portanto, a PC pode se manifestar em diferentes faixas etárias desde complicações na gravidez ou quando há situações no cérebro como Acidente vascular Cerebral (AVC) ou esclerose. No contexto deste trabalho, Pedro teve falta de oxigênio no momento do parto, o que ocasionou a paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda (PCHEE). Sobre a hemiplegia espástica, Dini e David (2009) apontam como uma das variáveis da PC que atinge um lado do corpo deixando-o debilitado. Rosenbaum et al. (2007) expõem que “como em outros distúrbios do neurodesenvolvimento, várias manifestações do cérebro desordenado podem aparecer de forma mais significativa em diferentes pessoas ou em diferentes períodos de vida” (ROSENBAUM et al., 2007, p. 9 – tradução nossa)⁵ e apontam que a classificação para PC requer parâmetros mediante as características que serviram de base para essa classificação. Dessa maneira, as pessoas diagnosticadas com PC são submetidas à reabilitação desde os primeiros momentos que os sintomas se apresentam, assim como relata a MP:

MP: Ele não tinha força para bater palma, quando ele tinha a idade de 2 anos ele esquecia o braço (esquerdo) e tudo que ele ia fazer usava o braço direito [...] aí ele foi fazendo as terapias e melhorando a mão (excerto de entrevista 11/10/19).

Mediante a fala da mãe, observa-se a relevância da família buscar tratamentos apropriados podendo beneficiar o desenvolvimento dos movimentos corporais das pessoas afetadas pela PC e a música, segundo a literatura encontrada, é uma das ferramentas utilizadas para a reabilitação e como estímulo para inclusão desses alunos nos contextos educacionais que eles frequentam. Sendo assim, será discorrido no próximo subitem a música como terapia e posteriormente sobre a música como processos de ensino e aprendizagem.

4.2 Educação Musical e paralisia cerebral

Ao realizar a busca pelas palavras-chave *educação musical e paralisia cerebral* foram encontradas publicações que se direcionam para a música como terapia e estímulo para as pessoas com PC. Serão discorridas neste subitem as publicações referentes a música como ferramenta de reabilitação para as pessoas com PC e sobre a educação musical para pessoas com deficiência.

No sentido da música como terapia e reabilitação, Amor et al. (2017), Ribeiro (2013) e Marques (2014) pesquisaram os efeitos e benefícios da musicoterapia para pessoas com PC, em que os resultados apontam para a melhora cognitiva e motora além dos benefícios de interação e movimento que os alunos demonstraram ao serem estimulados pelos sons musicais. Na mesma perspectiva, o estudo realizado por Farias e Oliveira (2010) discorreu sobre o ensino do piano para o desenvolvimento motor e intelectual para aluno com PC. Os resultados, segundo os autores comprovam que houve melhora das questões motoras e cognitivas. Nesse sentido, Guerra (2014) pesquisou sobre os benefícios da musicalização por meio do piano para criança com PCHE. A pesquisa constatou que o sujeito pesquisado respondeu melhor aos estímulos musicais customizados (que fazem parte da abordagem PONTES⁶), interagindo mais nas aulas de musicalização. Observa-se na literatura discorrida que o eixo norteador das pesquisas é a utilização da música para o desenvolvimento de outras habilidades e não os processos de ensino e aprendizagem musical.

Sobre esse aspecto, Peterson e Nystrom (2011) pesquisaram musicoterapeutas que também atuam como músicos utilizando-se dos relatos dos sujeitos pesquisados para discutirem a diferença entre ser músico e usar a música como terapia. Os autores discorrem que nos processos de ensino e aprendizagem há diálogo e interação entre professor e aluno em que ambos interagem com a música. Já na musicoterapia, segundo os autores, o objetivo é o diálogo autocentrado, ou seja, o paciente interage com a música. Louro (2016) também discorre a relevância de compreender a diferença da música como reabilitação e como

processo de ensino e aprendizagem. A autora salienta que as práticas de ambas se diferenciam, mas com um objetivo em comum: o sujeito participante, seja da musicoterapia ou dos processos de ensino e aprendizagem musical.

Ockelford (2000) aponta que um dos fatores que a musicoterapia se destaca nas pesquisas em relação à educação musical para as pessoas com deficiência é que não há formação específica para professores que queiram atuar com a educação musical inclusiva restringindo a atuação dos educadores nos contextos de inclusão. O autor afirma ainda, que para a musicoterapia a realidade é diferente devido ao fato de haver vários cursos disponíveis reconhecidos por órgãos governamentais aumentando a probabilidade da atuação desses profissionais. Sobre esse aspecto, a MP pergunta para a professora de música de Pedro se há formação específica dos professores de música para atuar para pessoas com deficiência. Abaixo, trecho da entrevista:

MP: Vocês aprendem, tem alguma coisa? Não têm né? (Refere-se à formação para lecionar para pessoas com deficiência). Vai do interesse da pessoa, ainda têm muita dificuldade para tudo, para escola [...] Eu acho que só tem formação é pessoal da reabilitação mesmo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, e aí, que nem as outras áreas, ninguém têm (formação), aí é bem difícil achar alguém que tenha essa equipe (excerto de entrevista 11/10/19).

Percebe-se na fala da MP os desafios encontrados para encontrar um profissional com formação ou preparo específico para atuar em contexto de inclusão na área educacional. Sob esta ótica, Schambeck (2016) retrata que a escola e professor devem buscar práticas inclusivas rompendo barreiras proporcionando a participação de todos os alunos rompendo paradigmas nos processos de ensino e aprendizagem. A autora afirma ainda, que embora no Brasil há documentos oficiais para as práticas educativas inclusivas, a inclusão não foi compreendida e estruturada em sua totalidade nas instituições de ensino. Outro ponto abordado na fala da MP é sobre o profissional estar disposto a atuar em contexto de inclusão. Neste aspecto, nota-se a relevância da atuação do professor em adaptar, criar e trazer novas estratégias para o contexto educacional, no âmbito deste trabalho, as aulas de música. Power e McCormack (2012) pesquisaram os processos de ensino e aprendizagem para Hayden⁷ relatando as adaptações realizadas para que o aluno ingressasse nas aulas de piano. As autoras discorrem que no início o aluno aprendia tateando a mão da professora e era estimulado a tocar por imitação e a compor e posteriormente, aos 12 anos de idade, o aluno aprendeu a ler notação em Braille⁸ permitindo então que Hayden pudesse ler partituras. Power e McCormack apontam que estiveram atentas para um ensino específico ressaltando as capacidades do aluno

promovendo diálogo constante entre aluno e professor o que pôde promover a inclusão de Hayden nas apresentações e concursos de piano. As autoras relatam que o aluno ganhou prêmios de composição e de atuação performática e interpreta peças de Beethoven, Chopin, etc. Neste sentido, percebe-se que o ingresso do aluno Pedro na escola livre do ensino musical pôde romper paradigmas proporcionando a inclusão do aluno e integração nas demais atividades da escola.

5. Considerações finais

A educação musical inclusiva considera que as pessoas com deficiência podem participar das aulas de música ativamente em que são ressaltadas as capacidades e não a limitação desses sujeitos. Notou-se com o desenvolvimento do trabalho mediante a revisão bibliográfica e as falas da MP os desafios motores encontrados desde os primeiros anos de vida das pessoas com PC, tornando-se relevante os processos de reabilitação. Notou-se também que nas primeiras aulas o aluno não possuía equilíbrio corporal para se sustentar no banco do piano, sendo um desafio inicial para os processos de ensino e aprendizagem. A literatura nos permitiu compreender que a PC pode se apresentar de diversas maneiras com sintomas variados, dentre elas a PCHEE.

Outro ponto trazido pela bibliografia é que as pesquisas sobre ensino do piano e paralisia cerebral são voltadas para a utilização do instrumento e da música para a reabilitação e não para os processos de ensino e aprendizagem. Neste sentido, a literatura percorrida, nos permitiu compreender que a musicoterapia se destaca em relação a educação musical em seu caráter formativo, em que há instituições específicas para a formação do musicoterapeuta e não para o professor de música para atuar em contexto de inclusão. Sob esta ótica, a fala da mãe é condizente ao apontar a falta de profissionais na área da educação para lecionar para pessoas com PC. Neste ponto de vista, nota-se a relevância da ação da professora de música em ensinar para um contexto inusitado, buscando estratégias e abordagens para que o aluno pudesse frequentar as aulas de piano.

O ingresso e permanência do aluno na escola de música deixou de ser somente um documento oficial e se tornou uma prática inclusiva. Espera-se que as discussões trazidas pela literatura e pela fala da mãe, possam permitir novas pesquisas e incentivar outros professores a atuarem com a educação musical para pessoas com deficiência.

Referências

- AMOR, Rodolfo Pereira, et al. A influência da atividade musical em pessoas com paralisia cerebral no município de Santana de Parnaíba. In: *Revista In Cantare*. Curitiba. Vol. 8, n° 1. Janeiro a Junho de 2017. Pág. 108 a 127. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/1964>. Acesso em 08/07/2019.
- BOGDAN, R.; BIKLEN S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRESLER, L. Etnografía, Fenomenología en Educación Musical. In: DIAS, Maravillas (org). *Introducción a la investigación en Educación Musical*. Tradução do capítulo 4: Andréa Giraldez. 1ª edição. Madrid: Eclave Creativa, p. 83 – 99, 2006. ISBN 84-96350-68-1.
- CRESWELL, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Trad. Sandra Mara Malmann da Rosa. Rev. téc. Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DINI, P.; DAVID, A.C. Repetibilidade dos parâmetros espaço-temporais da marcha: comparação entre crianças normais e com paralisia cerebral do tipo hemiplegia espástica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 13, n. 3, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbfis/2009nahead/aop029_09.pdf. Acesso em: 02/2019.
- FARIAS, Claudia Regina Rodrigues; OLIVEIRA, Arildomar Pinheiro. Paralisia cerebral e o ensino do piano: estudo de caso. In: *Revista de Ciências Humanas e Sociais* da FSDB – Ano VI, Volume XI. Janeiro a Junho de 2010. Pág. 48 a 58. Disponível em: [/www.fsdb.edu.br/fsdb/wp-content/uploads/2018/06/Ethos-Episteme-11_Eletronica.pdf#page=48](http://www.fsdb.edu.br/fsdb/wp-content/uploads/2018/06/Ethos-Episteme-11_Eletronica.pdf#page=48). Acesso em 08/07/2019.
- FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Consultoria, supervisão e rev. téc. Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa, coordenada por Uwe Flick).
- GUERRA, Andreza Simoni. *A musicalização da criança com paralisia cerebral no contexto do projeto música e cognição*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Música, Linha de Educação Musical e Cognição). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37092> Acesso em 08/07/2019.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. *Do projeto à implementação*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LOURO, V. (org.). *Música e inclusão: Múltiplos olhares*. São Paulo: Som, 2016.
- MARQUES, Rui Manuel Gonçalves. *Desenvolvimento de uma aplicação musical para musicoterapia em casos de paralisia cerebral*. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado Multimídia da Universidade de Porto). Universidade Porto, Porto, Portugal, 2014. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73951/2/32029.pdf>. Acesso em 08/07/2019.
- MORRIS, C. Definition and classification of cerebral palsy: historical perspective. *Developmental Medicine & Child Neurology*, v. 49, p. 3-7, 2007.
- MP. [Entrevista cedida a]. XXXX, XXXX, 2019.

OCKELFORD, A. Music in the education of children with severe or profound learning difficulties: Issues in current UK provision, a new conceptual framework, and proposals for research. *Psychology of Music*, v. 28, n. 2, p. 197-217, 2000.

OLIVEIRA, Alda; HARDER, Rejane. Articulações pedagógicas em Música: reflexões sobre o ensino em contextos não-escolares e acadêmicos. *In: Claves* n° 6, 2008, p. 70-83.

PETERSON, G.; NYSTROM, M. Music artist performance or therapeutic tool? A study on differences. *International Journal of Music Education*, v. 29, n. 4, 2011.

POWER, A.; MCCORMACK, D. Piano pedagogy with a student who is blind: an australian case. *International Journal of Music Education*, v. 30, n. 4, 2012.

RIBEIRO, Emanuela Aurora Nunes. *A importância da musicoterapia na paralisia cerebral: percepção da equipa multiprofissional*. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor). Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, Portugal, 2013. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/4014> Acesso em 08/07/2019.

ROSENBAUM, P. *et al.* A report: the definition and classification of cerebral palsy. *Developmental Medicine & Child Neurology*, p. 8-14, 2007.

SCHAMBECK, R. F. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. *Revista da Abem*, Londrina, v. 24, n. 36, p. 23-35, jan/jun. 2016.

SHIELDS, N. *et al.* Self-concept of children with cerebral palsy compared with that of children without impairment. *Developmental Medicine & Child Neurology*, v. 49, p. 350-354, 2007.

Notas

¹Para conhecer mais sobre a pesquisa, acessar: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000081/000081c9.pdf>

² Nome fictício para preservar a identidade do aluno

³ Para saber mais, acessar: <https://sorribauru.com.br/>

⁴ However, what exactly the term ‘cerebral palsy’ describes has been debated for more than 150 years, and discussions about how the different manifestations of CP can be best classified continue to the present day. (MORRIS, 2007, p. 3)

⁵ As in other neurodevelopmental disorders, various manifestations of the disordered brain may appear more significant in different persons or at different life periods.

⁶Para mais informações consultar: Oliveira e Harder (2008), disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/2885/2475>. Acesso em 04/2019.

⁷ Nome do aluno citado no artigo.

⁸ É uma ferramenta que permite que qualquer texto musical possa ser transcrito para a forma tátil, sendo mais fácil a assimilação pelos deficientes visuais.